

Universidades Lusíada

Borges, Helaine Silva
Santos, Larissa Marinho Medeiros dos

Um olhar ecológico sobre o uso de drogas na adolescência : um estudo bibliográfico

<http://hdl.handle.net/11067/4835>

Metadata

Issue Date 2018

Abstract Apresenta-se um estudo sobre o fenómeno da drogadição na adolescência buscando analisá-la sob a ótica da abordagem ecológica e sistêmica do desenvolvimento humano, compreendendo as conexões entre os quatro núcleos do desenvolvimento humano: processo, contexto, pessoa e tempo, e dessa forma, analisar como os adolescentes estão inseridos no contexto das drogas, desde o microssistema ao macrosistema. Esta investigação objetivou apresentar uma sistematização dos resultados obtidos através de um es...

We present a study on the phenomenon of adolescent drug addiction, seeking to analyze it from the perspective of the ecological and systemic approach to human development, including the connections between the four nuclei of human development; process, context, person and time, and thus analyze how adolescents are inserted in the context of drugs, from the microsystem to the macrosystem. This research aimed to present a systematization of the results obtained through a bibliographic study in the...

Keywords Adolescentes - Consumo de drogas, Drogas - Aspectos sociais

Type article

Peer Reviewed No

Collections [ULL-IPCE] RPCA, v. 09, n. 2 (2018)

This page was automatically generated in 2020-03-05T06:57:05Z with information provided by the Repository

**UM OLHAR ECOLÓGICO SOBRE O USO DE DROGAS NA
ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

**AN ECOLOGICAL LOOK AT THE USE OF DRUGS IN
ADOLESCENCE: A BIBLIOGRAPHICAL STUDY**

Helaine Silva Borges

Larissa Marinho Medeiros dos Santos

Universidade Federal de São João Del Rei

Resumo: Apresenta-se um estudo sobre o fenômeno da drogadição na adolescência buscando analisá-la sob a ótica da abordagem ecológica e sistêmica do desenvolvimento humano, compreendendo as conexões entre os quatro núcleos do desenvolvimento humano: processo, contexto, pessoa e tempo, e dessa forma, analisar como os adolescentes estão inseridos no contexto das drogas, desde o microsistema ao macrosistema. Esta investigação objetivou apresentar uma sistematização dos resultados obtidos através de um estudo bibliográfico no sistema MedLine (Index Medicus), ScieLO, Pepsic, envolvendo os descritores: adolescência, identidade, adolescência e amizade, drogadição, adolescência e família, adolescência e escola, fatores de risco e proteção para o uso de drogas na adolescência. Além de artigos científicos nacionais, também foram consultados livros da área. A coleta ocorreu entre fevereiro/2016 a dezembro/2016, resultando em 60 artigos. O material coletado foi analisado por intermédio da análise de conteúdo temática e as principais categorias identificadas ao longo do processo de análise dos dados referem-se à concepção de adolescência com interdependência nos diversos contextos - individual - familiar, escolar, grupo de pares e midiático- propícios tanto ao risco quanto à proteção ao uso de drogas por adolescentes. Os resultados desse trabalho indicam a necessidade de práticas que considerem o contexto sócio- afetivo do jovem, a fim compreender o fenômeno e contribuir para a ampliação de debates que envolvam elaboração de políticas públicas e programas de prevenção e tratamento para o uso de drogas entre adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência, Fatores associados ao uso de drogas, Abordagem bioecológica do desenvolvimento humano.

Abstract: We present a study on the phenomenon of adolescent drug addiction, seeking to analyze it from the perspective of the ecological and systemic approach to human development, including the connections between the four nuclei of human development; process, context, person and time, and thus analyze how adolescents are inserted in the context of drugs, from the microsystem to the macrosystem. This research aimed to present a systematization of the results obtained through a bibliographic study in the system MedLine (Index Medicus), ScieLO, Pepsic, involving the descriptors: adolescence, identity, adolescence and friendship, drug addiction, adolescence and family, adolescence and school, risk factors and protection for the use of drugs in adolescence. In addition to national scientific articles, books of the area were also consulted. The collection occurred between February / 2016 and December / 2016, resulting in 60 articles. The collected material was analyzed through the analysis of thematic content and as main categories identified throughout the process of data analysis refer to the conception of adolescence with interdependence in the different contexts - individual - family, school, peer group

and media- Counseling for the use of drugs by adolescents. The results of this study indicate the need for practices that take into account the socio-affective context of the youth in order to understand the phenomenon and contribute to the broadening of debates that involve the elaboration of public policies and prevention and treatment programs for the use of drugs among adolescents.

Keywords: Adolescence, Factors associated with drug use, Bioecological approach to human development.

Introdução

O presente estudo tem como objetivo compreender a constituição dos fatores de risco e proteção para o uso de drogas por adolescentes, dialogando com os diferentes contextos sociais que o sujeito se encontra inserido, como a família, grupo de pares, escola, mídia e a comunidade de convivência. A adolescência constitui como um período vulnerável para o início do uso de drogas, seja como experimentação, consumo ocasional ou uso abusivo. A exposição e a convivência com as drogas constituem um desafio para os adolescentes e para sociedade, desafios estes, marcados pelo fácil acesso às drogas e pela demanda de serviços capacitados a respeito desta peculiaridade.

Apesar do uso de drogas ser uma prática milenar, nas últimas décadas, o abuso dessas substâncias tem sido o foco de diversas discussões e questionamentos, devido a seu impacto na sociedade, considerado um sério problema de saúde pública (Pratta & Santos, 2009). Este estudo privilegia a discussão sobre o uso de drogas por adolescentes, na perspectiva de fatores de proteção e risco presentes neste contexto. Fatores de proteção podem ser considerados como influências que melhoram ou modificam as respostas de um indivíduo diante de riscos de desadaptação. Já fatores de risco seriam aqueles que, em conjunto com eventos negativos de vida, aumentariam a probabilidade do indivíduo de apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais (Yunes, Miranda, & Cuello, 2004; Jessor, Van Den Boss, Vanderryn, Costa & Turbin, 1995). Segundo Pesce, Assis, Santos e Oliveira (2004), eventos de risco são obstáculos individuais ou ambientais que aumentariam a vulnerabilidade de resultados negativos no desenvolvimento do indivíduo.

Eva Diniz e Silvia Helena Koller (2010) mencionam que vivenciar ambientes mediados pela relação de vínculos positivos podem ser preditores de um desenvolvimento saudável, uma vez que os vínculos afetivos proporcionam apoio psicológico, permitindo ao indivíduo importantes aprendizagens. Esta afirmativa está em consonância com a abordagem ecológica de Bronfrenbrenner (1996), que postula que o desenvolvimento é resultado de uma interação

entre indivíduo e meio. No contexto bioecológico ocorrem múltiplos eventos que serão interpretados como de risco ou de proteção, que resultam em vulnerabilidade ou fatores que podem acionar os processos de resiliência, e por isso devem ser cuidadosamente avaliados (Bronfenbrenner, 1996).

Tendo em vista a importância de investigar os aspectos relacionados ao desenvolvimento emocional saudável de jovens adolescentes, o objetivo deste trabalho foi de apresentar e discutir o uso de drogas na fase da adolescência adotando a perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano, contemplando o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (PPTC).

Metodologia

A elaboração deste artigo foi precedida de pesquisas nas bases de consulta (MedLine, ScieLO, Pepsic), e outros textos requisitados diretamente dos autores. Para a seleção dos artigos, aderiu-se os seguintes critérios: artigos que tratam da temática drogadição e adolescência; tipo de publicação: período de busca entre 2012 e 2016, a partir dos descritores: adolescência, identidade, adolescência e amizade, drogadição, adolescência e família, adolescência e escola, fatores de risco e proteção para o uso de drogas na adolescência. Os dados foram coletados no período de fevereiro/2016 a dezembro/2016, resultando em um total de 60 artigos sobre amizade, drogadição e adolescência em periódicos nacionais. Para a seleção dos artigos, aderiu-se os seguintes critérios: artigos que tratam da temática drogadição e adolescência; tipo de publicação: período de busca entre 2012 e 2016. O último critério refere-se a procedência e idiomas, que foram artigos nacionais publicados em português;

Os critérios aplicados permitiram a seleção de 48 artigos que abordavam, especificamente, temas universais do desenvolvimento humano. (p. ex, papel da família, pares e escola) e desafios comuns desse período da vida (p. ex, uso de drogas). Essa parcela da produção reflete a preocupação dos profissionais com o uso de drogas na fase da adolescência. O tema central dos artigos analisados foi a importância do contexto no desenvolvimento, e o referencial teórico da maioria dos autores foram os preceitos da abordagem bioecológica do desenvolvimento humano (ABDH), que enfatiza o desenvolvimento humano como resultado da interação dos sujeitos com seus contextos. A análise do material fundamentou-se na Técnica de Análise de Conteúdo, na modalidade Temática, (Bardin, 2004) que permitiu conhecer e organizar os núcleos de significados relacionados à drogadição na fase da adolescência retratados na literatura nacional.

Apresentação e discussão dos resultados

Abaixo relacionamos as principais categorias identificadas ao longo do processo de análise dos dados. No presente texto daremos especial às categorias identificadas: a) Concepção de Adolescência; b) Uso de drogas por adolescentes na perspectiva da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento; c) Processos de resiliência durante a adolescência; d) Relações entre o uso de drogas na adolescência e família; e) a vida escolar e os fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes; f) as relações interpessoais e o consumo de drogas por adolescentes e g) representações sociais de adolescentes sobre o consumo de drogas.

Concepção da Adolescência

O desenvolvimento humano caracteriza-se pelas mudanças sistemáticas ordenadas, padronizadas e relativamente permanentes no indivíduo que abarca a concepção de vida do berço ao túmulo. As mudanças não ocorrem apenas na infância, mas ao longo de todo o ciclo de vida, e ocorrem de modo individual, social e cultural. É fundamental a interligação dos múltiplos sistemas em que o ser humano transita para que o sujeito tenha recursos externos aos quais possa recorrer, de forma a superar a mudança e a adversidade (Diniz & Koller, 2010, p. 03).

Partimos da concepção que adolescência é a fase social e psicológica do ciclo vital que transcende os parâmetros etários, uma vez que os critérios numéricos mascaram as influências relacionadas aos aspectos sócio-cultural-psicológicos, como as desigualdades presentes nas relações sociais, situando a responsabilidade das ações no próprio sujeito. A adolescência foi concebida como um período de crise, no qual, predomina o conceito de instabilidade afetiva, rebeldia, melancolia. Deste modo, a concepção contemporânea sobre adolescência é fortemente identificada como uma etapa marcada por contradições, tormentos e perturbações.

Essa concepção foi reforçada na teoria de Erikson (1976 citado por Baumkorten, 2006) que identificou essa fase com dificuldades de estabelecer uma identidade própria, um período que é transcendente a transição entre a infância e à idade adulta. O período da adolescência possui o selo individual, cultural e histórico e ambos condicionam ao conceito de crise da adolescência, no qual, o sujeito apresenta vulnerabilidade para assimilar os impactos da sociedade.

Essa concepção pressupõe uma crise preexistente no adolescente, considerando a adolescência como um período crítico, no qual o jovem não é criança e nem adulto. Ressalta-se a importância de refletir a respeito da universalidade de conflitos adolescentes, uma vez que não se pode negligenciar as condições históricas dos sujeitos e suas condições subjetivas de vida, o ocultamento das desigualdades presentes nas relações sociais situa a responsabilidade de suas ações

no próprio jovem, suscitando uma ideologia de esforço pessoal. Apesar de algumas referências citarem as condições socioeconômicas, a maioria não enfatizou essas características ao refletirem a respeito da adolescência.

As concepções presentes nas referências (Marques & Cruz, 2000; Antonil, C. D. & Koller, S.H, 2010; Dietz, G. Dos Santos, C.G; Hildebrandt, L.M. & Leite, M.T., 2011; Senna, S.R.C.M. & Dessen, M.A., 2012; Bittencourt, A. L. P; Garcia, L. F; Goldim, J.R., 2015), consideram a adolescência como um fenômeno psicossocial, enfatizando aspectos biológicos, ambientais e sociais. Os adolescentes não são recipientes passivos, eles são participantes ativos no processo do desenvolvimento, são sujeitos transformados e transformadores do contexto, no qual, encontram-se inseridos (Dayrell, Moreira & Stengel, 2011) Nesse sentido, podemos dizer que características individuais combinadas com diferentes contextos sociais, podem atuar como fator de proteção ao uso de drogas, devido a presença de reflexão crítica entre os pares, com os pais e com os educadores.

Uso de drogas por adolescentes na perspectiva da abordagem bioecológica do desenvolvimento

Ao investigar o uso de drogas por adolescentes se faz necessário atentar que a temática seja direcionada para além dos próprios jovens, a fim de considerar também as interações e as transições dos diversos contextos em que se encontram inseridos e também aqueles que não participam diretamente, mas que exercem influência sobre seu desenvolvimento (Bronfenbrenner 1979/2002). O modelo bioecológico explica o processo de desenvolvimento humano por intermédio de quatro construtos inter-relacionados: pessoa, processo, contexto e tempo (PPCT) que são elementos centrais da abordagem bioecológica (Bronfenbrenner, 1977/1996).

Neste modelo, pessoa é composta de acordo com as características determinadas biopsicologicamente e na interação com o ambiente (Bronfenbrenner e Morris,1998). O processo diz respeito à formas particulares de influência mútua entre o organismo e meio, denominados como processos proximais que envolvem interações interpessoais, com objetos e símbolos que atuam como propulsores do desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1999). Esses processos podem suscitar efeitos de competência, que correspondem a desenvolvimento de habilidades. No entanto, também podem produzir efeitos de disfunção nas diferentes esferas da personalidade, que se referem às dificuldades de coerência do comportamento (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

Por contexto, compreende o ambiente em que a pessoa está inserida que é o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrossistema, a relação dessas estruturas foi denominada por (Bronfenbrenner, 1999, 2005b; Bronfenbrenner & Morris, 1998) como contexto ecológico. O microsistema compreende

os contextos nos quais o sujeito interage e passa a maior parte do tempo, tais como a família, grupo de pares, escola e local de trabalho (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Morris, 1998). O mesossistema consiste na influência mútua entre dois ou mais microsistemas, influenciando o desenvolvimento do comportamento (Bronfenbrenner & Morris, 1998). O exossistema é concebido como a interação entre relações que acontecem entre dois ou mais contextos, dos quais ao menos um o sujeito não participa diretamente, mas cujos eventos que nele ocorrem influenciam indiretamente na sua vida (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Por fim, temos o macrosistema que compreende a cultura, na qual, os indivíduos compartilham sistemas de valores e/ou crenças. Este abrange todos os outros sistemas, influenciando-os e sendo influenciado.

Ao relacionarmos os processos contextuais, encontra-se a transição ecológica e os sistemas caóticos. A primeira compreende a passagem do sujeito para um novo contexto ecológico, como por exemplo, a entrada para o mercado de trabalho (Bronfenbrenner, 2005b). Essa passagem fomenta consequências no desenvolvimento humano, em função de colocar o indivíduo em novas estruturas sociais e atividades. Os sistemas caóticos referem-se as instabilidades frequentes no contexto, conseqüentemente nos processos proximais, afetando negativamente o processo do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

O tempo é a estrutura que permite a realização de análises das mudanças que ocorrem ao longo do ciclo vital e integra o micro, meso e macro tempo. De acordo com Bronfenbrenner & Morris (1998) as mudanças que acontecem no decorrer do percurso individual de vida, podem promover transformações significativas, tanto positivas quanto negativas. Na primeira, podem provocar mudanças normativas fortalecendo o desenvolvimento psicológico a partir de oportunidades desafiadoras. No segundo sentido, podem comprometer o processo de desenvolvimento a partir das experiências importantes para os estágios posteriores do ciclo vital.

Os construtos da abordagem biológica nos propicia uma compreensão do fenômeno das drogas a partir do conhecimento das características dos sujeitos e do seu meio microssocial. No caso do uso de drogas, verificou-se que os adolescentes experimentam substâncias, em princípio, por novas sensações, compartilhamento com grupos de pares, autonomia em relação a família e não por sofrimento. Porém que existe o lado negativo da experimentação que consiste no risco de se tornar dependente, comprometendo a transição para o próximo estágio da trajetória de vida, a fase do adulto jovem (Jessor, 1991).

Micheli & Formigoni (2002) apontam a necessidade de compreender a relação que os sujeitos estabelecem com as drogas, e não a droga em si, uma vez que a motivação para o uso de drogas é de cunho estritamente subjetivo, alguns jovens a usam visando ser aceito pelo grupo de amigos, repudiar normas, autonomia em relação aos pais, lidar com sofrimento, afirmação em direção a fase

adulto jovem. Os estudos apontam que não há nada de psicopatológico nesses objetivos, devido serem característicos do desenvolvimento psicossocial.

Processos de resiliência durante a adolescência

Segundo Santos da Silva (2003), a resiliência é uma das possibilidades de reorientar o construto de que os sujeitos que nascem em ambientes desfavoráveis estão fadados a apresentarem algum tipo de transtorno no decorrer da vida, portanto, é uma alternativa para anular previsões de continuidade dos problemas. Pode-se definir a resiliência, de acordo com Werner (1995) como a capacidade do ser humano de apresentar resultados desenvolvimentais esperados, apesar da exposição às adversidades presentes no ambiente, as quais podem afetar esse processo. Do mesmo modo que se refere ao manejo de certas aptidões, mesmo na presença de fatores de riscos e se relaciona ao potencial do ser humano de recuperar-se das adversidades que vivencia ao longo de sua vida.

Werner (1995) classificou a resiliência em três categorias. A primeira, a capacidade do ser humano de apresentar resultados desenvolvimentais esperados, apesar dos fatores de risco presentes no ambiente, os quais podem afetar esse processo. Segunda, diz respeito ao manejo de certas aptidões, mesmo na presença de adversidades. Por fim, relaciona-se ao potencial do ser humano de recuperar-se das adversidades que vivencia ao longo de sua vida. Segundo o autor cada uma destas categorias aporta limites e possibilidades, e devem ser atenciosamente analisadas seja tanto na prática quanto na pesquisa.

Neste contexto, a resiliência representa um dos caminhos possíveis para que se possa fortalecer o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais dos adolescentes, que possibilitem uma vida saudável, apesar das experiências traumáticas. Discorrer a respeito da resiliência implica além de falar dos riscos presentes nas circunstâncias de vida do sujeito, abordar os fatores de proteção desse ambiente, os quais, possibilitam o desenvolvimento da resiliência. Cyrulnik (2001) citado por Santos da Silva et al., (2003) infere os seguintes fatores de proteção: temperamento da criança flexível, confiante e capaz de buscar ajuda exterior; o contexto afetivo no qual a criança vive seus primeiros anos, um suporte social que viabilize o desenvolvimento da confiança em si mesma e nos outros. Segundo o autor, esses fatores têm um caráter complementar, uma vez que, isoladamente eles não garantem uma evolução resiliente.

Aqueles sujeitos que não têm resiliência sofrem algumas consequências que desencadeiam outras, assim como, dificuldades em tomar decisões, evitando-a ao máximo; dificuldades em relacionamento interpessoal, em virtude de projetar as próprias dificuldades nos outros e por fim, dificuldades em amadurecimento pessoal, pois na maioria das vezes o sujeito entra em um processo de vitimização ou de revolta (procurando culpados para a situação da adversidade que vive)

que o impede de encontrar soluções (Benedicto e Faria, 2014).

Sujeitos resilientes são aqueles que resistem a situações adversas, mantêm serenidade diante dos desafios ou recuperam-se de eventos traumáticos que teriam um impacto altamente negativo no desenvolvimento emocional da maioria dos indivíduos. Esses sujeitos conseguem agarrar-se aos recursos básicos que fomentam um desenvolvimento positivo e um dos fatores que contribuem para a resiliência, são os bons relacionamentos familiares. Ademais, alguns fatores de proteção reduzem o impacto das circunstâncias adversas e tendem a prognosticar resultados positivos, ou seja, experiências negativas não determinam necessariamente o resultado da vida dos sujeitos, pois muitos deles possuem estratégias para enfrentar situações difíceis (Yunes, M. A., Miranda, A. T., & Cuello, S. S. 2004).

Em relação ao uso de drogas, a perspectiva da resiliência deve ser empregada de maneira a reduzir a vulnerabilidade dos adolescentes ao risco do uso de drogas. Para isso, Brock e colaboradores (1990) abordaram dois mecanismos capazes de reduzir o risco, são eles: mecanismo *proteção/proteção* segundo o qual, um fator de proteção potencializa o outro, tornando o efeito mais forte, de forma a atuar positivamente na prevenção ao uso de drogas. Temos como exemplo, características individuais do jovem concomitante ao vínculo com os pais. O outro mecanismo *risco/proteção* refere-se ao contexto em que a exposição a substâncias é moderada pela presença de fatores de proteção. Por exemplo, o risco de ter amigos usuários é moderado pelo vínculo positivo com os pais. Ante o exposto, podemos dizer que os elementos protetores viabilizam a construção da resiliência em direção a prevenção ao uso de drogas.

Relações entre o uso de drogas na adolescência e família

De acordo com Ferreira e Souza Filho (2007), o uso de drogas não pode ser estudado fora do contexto familiar, uma vez que a família exerce o papel de mediador entre a sociedade e o indivíduo, a família é o microssistema no qual o sujeito constitui as primeiras experiências com pessoas significativas (Habigzang, Diniz & Koller, 2014). É por intermédio da família que o sujeito desenvolve a primeira identidade social (Reis, 1984). A identificação de relações entre o contexto familiar e o uso de drogas representa uma ampliação da compreensão concernente ao uso de substâncias. Com base nisso destaca-se a importância de problematizar o contexto histórico-cultural do âmbito familiar (Ferreira & Souza Filho, 2007).

A importância de contextualizar a instituição familiar é coerente com a perspectiva sócio-histórica, uma vez que consideram o contexto familiar como elemento que está em constantes transformações, que estão em consonância com as mudanças sociais (Habigzang, Diniz & Koller, 2014). As inúmeras transforma-

ções do âmbito familiar fomentaram um conceito amplo e variado que envolve vários aspectos, entre eles os aspectos demográficos, jurídicos, vínculos íntimos de afetividades e parentescos, transmissões de bens materiais, dentre outros. No entanto, as funções básicas desempenhadas pela instituição familiar no decorrer do processo de desenvolvimento de seus membros permaneceram as mesmas, sendo a família o modelo primário de socialização dos sujeitos.

Ressalta-se que inexistem um modelo único de família, pois as famílias apresentam uma gama de diversidades e constituem seus valores, crenças e modos de afetividade de acordo com a própria biografia, com múltiplos contextos e realidades distintas. A partir das décadas de 1950 e 1960, o modelo familiar passou por profundas transformações socioculturais e afetivas. Houve mudanças relacionadas a inserção da mulher no mercado de trabalho, o que promoveu o equilíbrio entre os gêneros. A globalização e a revolução tecnológica suscitaram o desafio da violência urbana, desemprego, uso e abuso de substâncias psicoativas, entre outros. Ressalta-se que esses desafios repercutem diretamente nos vínculos familiares e o uso e abuso de drogas é um tema que preocupa os familiares (Bock, Furtado & Teixeira, 2001).

Estudos relacionados à família e o uso de drogas por adolescentes observaram que a mesma desempenha tanto um fator de risco como de proteção. Em relação ao fator de proteção, a família favorece o desenvolvimento saudável a partir de vínculos amorosos, apoio no processo de construção da autonomia, no estabelecimento de normas para as condutas sociais e monitoramento aos diversos processos de desenvolvimento e crescimento do adolescente. No que se refere à família como fator de risco, pesquisas mostraram que o âmbito familiar constitui como um dos fatores mais relevantes, porém que de forma combinada (Kandel DB, 1990; Kandel DB, Kessler RC e Margulies RZ, 1978; Kodjo CM e Klein JD, 2002).

Micheli e Formigoni (2002) constataram que o primeiro uso de substâncias ocorreu, em geral, no próprio ambiente familiar e na companhia de familiares. No entanto, evidencia-se que os comportamentos dos pais lhes serviram de modelo, mas o que prevaleceu na equação, foi a atitude permissiva dos genitores. Estudos apontaram que os fatores de risco para os jovens usarem drogas, incluem de forma combinada, a ausência de vínculos familiares ou envolvimento insuficientes, permissividade, dificuldades para estabelecer limites, superproteção, educação autoritária com ausência de afetividade, monitoramento insuficiente, aprovação ao uso de drogas por parte dos pais, ambiente que contenham muitos conflitos, a ausência de aprendizagem relacionada a limites e frustrações (Kandel DB, 1990; Kandel DB, Kessler RC e Margulies RZ, 1978; Kodjo CM e Klein JD, 2002).

Cabe destacar que é no sistema familiar que o sujeito desenvolve suas crenças e apresenta seus primeiros comportamentos e a família quando afetiva, cuidadora, possui maiores chances de promover um desenvolvimento saudável aos

filhos (Habigzang, Diniz & Koller, 2014). Para isso, os pais devem ter uma comunicação livre e fluente com os filhos, compartilhar valores e crenças sobre drogas de forma a promover o amadurecimento das decisões e responsabilização. No entanto, se faz necessário monitorar as atividades escolares de forma a auxiliar o jovem em busca de um bom desempenho e outro ponto crucial, refere-se ao conhecimento do grupo de pares, devido estes exercerem influência ao início do uso de drogas.

A vida escolar e os fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes

A compreensão a respeito do ambiente escolar e o papel exercido por essa instituição na vida dos adolescentes nos remetem às discussões a respeito dos fatores de risco e proteção enquanto importantes forças que intermediam a construção de um desenvolvimento saudável na vida dos sujeitos. Segundo o modelo ecológico de desenvolvimento humano, a escola é um espaço que proporciona o desenvolvimento de habilidades de socialização. Nesse sentido, a instituição escolar deve fortalecer as habilidades que proporcionam um desenvolvimento saudável, uma vez que estes sujeitos irão desempenhar papéis sociais de futuros trabalhadores e cidadãos (Bock, Furtado & Teixeira, 2001).

O contexto escolar não é responsável apenas pela alfabetização, pois desempenha um significativo papel na formação do sujeito em um sentido amplo. Ao transmitir a cultura, modelos sociais de comportamentos considerados adequados pela sociedade e alguns valores morais, o ambiente escolar proporciona ao indivíduo o sentimento de pertencimento ao grupo social (Bock, Furtado & Teixeira, 2001).

É importante enfatizar que a escola é uma criação social do homem, pois educar já representou o fato de viver a vida cotidiana de determinado grupo social, no qual, aprendia-se a partir das experiências pessoais, como por exemplo, as atividades de plantar, caçar, localizar água e compreender os sinais do tempo. Inexistia uma instituição direcionada ao ato de educar, pois o meio social era o contexto educativo. A educação tornou-se responsabilidade da escola a partir da Idade Média e a ela ficou dedicado o papel de transmitir o saber, que era destinado apenas às elites e a transmissão de saberes eram relacionados à religião (Bock, Furtado & Teixeira, 2001).

A escola desenvolvia-se como uma instituição social especializada, pois era privilégio da aristocracia e da igreja. A industrialização favoreceu a universalização da escola, e teve como objetivo preparar os indivíduos para as atividades do âmbito da vida pública, ela fomentou a sofisticação tecnológica exigindo do trabalhador um aprendizado cada vez mais especializado. Foi nesse contexto que a

classe trabalhadora se fortaleceu e exigiu o direito de acesso à cultura e ao conhecimento, abrangendo outras camadas sociais (Bock, Furtado & Teixeira, 2001).

Ao analisar o contexto histórico da escola, compreendemos as características atuais que a instituição desempenha na atual sociedade. A escola é uma instituição que tem o papel de responder as necessidades sociais, pois estabelece uma mediação entre indivíduo e sociedade. Ela transmite conhecimentos, técnicas e desafios que são advindos do meio social. No entanto, a realidade escolar não está em interface com a realidade social. O esforço social tornou-se decisivo do sucesso e do fracasso escolar e este último é muitas vezes justificado pelo esforço do estudante. É necessário articular a vida escolar com a realidade social e alguns jovens de classes menos favorecidas não conseguem articular os conteúdos estudados com qualquer utilidade para seu desenvolvimento, já que os mesmos estão distantes de suas vidas.

Alguns jovens não vivenciam o âmbito escolar de forma igualitária, pois tiveram experiências distintas e muitas vezes a escola não leva em consideração as diferenças sociais. O ensino avalia os sujeitos da mesma forma, exigindo os mesmos resultados, o que acaba por aprofundar as diferenças. No entanto, a escola pode ser provedora de um desenvolvimento saudável a partir da troca de informações, valores, valorização das diferenças, respeito ao outro, capacidade colaborativa e empatia.

A escola exerce o papel de agente transformador da sociedade e socialização, o que a faz ser alvo de assédio por traficantes, devido o aliciamento de amigos. No âmbito educacional, a falta de motivação para os estudos, o mau desempenho escolar, o absenteísmo e a falta de interesse de investir na realização pessoal / profissional combinada com o anseio de se tornar independentes, constituem como fatores predisponentes ao início do uso de drogas (Kandel et al., 1978). No entanto, a escola pode potencializar a resiliência a partir do momento que promove autoestima e autodesenvolvimento dos sujeitos, ou seja, promovendo igualdade de oportunidades de forma a atuar contra a desigualdade social, permitindo ao adolescente o desenvolvimento do protagonismo juvenil que convergem a favor da democracia.

As relações interpessoais e o consumo de drogas por Adolescentes

As amizades desempenham um amplo espaço psicológico no cotidiano dos jovens e a abordagem biológica do desenvolvimento humano (ABDH) contribui para a compreensão mais ampla e profunda da amizade na fase da adolescência, uma vez que possibilita a desmitificação das influências dos amigos como o maior prenúncio do uso de drogas.

A amizade representa uma relação de afeto positivo entre duas ou mais pessoas e se caracteriza por diversos aspectos positivos como divertimentos, reci-

proacidade, confiança, intimidade e interesses compartilhados. Durante a fase da adolescência os jovens vivenciam a transição da vida no contexto familiar para a vida independente de adulto, o que justifica o afastamento gradativo do ambiente familiar e a aproximação com o grupo de pares. As relações de amizade são importantes para um desenvolvimento psicossocial saudável, pois são sujeitos que estão passando por mudanças similares no desenvolvimento, o que pode representar um fator de proteção social (Schenker & Minayo, 2005; Bock, Furtao, Teixeira, 2001; Rocha, 2002; Dietz, dos Santos, Hildebrandt & Leite, 2011; De Souza, Rodrigues & Antoni, 2014).

No entanto, as amizades também podem suscitar efeitos negativos no desenvolvimento dos adolescentes, como por exemplo, o uso e/ou abuso de drogas que podem ser influenciados pelos amigos e algumas vezes acabam repetindo o comportamento em função de ser fonte de validação ao pertencimento do grupo (Almeida, 2011). Alguns estudiosos observaram que adolescentes que querem experimentar ou manter o uso de drogas, se aproximam de amigos com crenças e hábitos semelhantes. Ou seja, essa questão de influência do grupo de pares se faz presente quando são considerados como modelos de comportamento. Assim, a questão do uso de drogas é resultado de influências individuais, familiares e sociais que exercem influências entre si, de forma a aumentar a probabilidade de uso de drogas.

De acordo com a abordagem bioecológica, os adolescentes interagem de forma dinâmica com os outros sujeitos e com o meio ambiente, influenciados dialeticamente. Entre os contextos em que estão inseridos, as relações de amizade destacam-se como microssistema que é formado por indivíduos que trocam experiências e afetos em conjunto, constituindo-se como um grupo social (Bronfenbrenner, 2011). Segundo Habigzang, Diniz & Koller (2014) a convivência com os pares proporciona um desenvolvimento saudável, em função de propiciar aos indivíduos a possibilidade de explorarem novos papéis e delinarem projetos de vida a partir da construção de conceitos e validação de crenças a respeito de si mesmo, formando, assim, a própria identidade.

Representações sociais de adolescentes sobre o consumo de drogas

Segundo Baumgarten, Gomes e Fonseca (2012) o consumo de substâncias entre os jovens está relacionado a fatores internos e externos aos sujeitos, revelando elementos positivos ou negativos a partir de uma dada representação. Diante desse cenário, a Teoria das Representações Sociais (TRS) se apresenta como uma ferramenta capaz de analisar o modo como os atores em suas trocas cotidianas significam os fenômenos sociais, dentre eles, a relação entre o uso de drogas e a fase adolescente.

A Teoria das Representações Sociais reconhece o sujeito como um ser psicossocial, uma vez que este se apropria de um conhecimento, aplica uma característica subjetiva e o compartilha com o seu grupo de pertença. (Moscovici, 2012). Deste modo, as representações são fenômenos sociais, pois a representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito) e por isto, devem ser compreendidas a partir do seu contexto de produção, pois são conhecimentos compostos de elementos socialmente elaborados e compartilhados que contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a comunicação (Jodelet, 2001).

Para Moscovici (2012), “as representações são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar - um modo que cria tanto a realidade como o senso comum” (p. 49). Para este autor, elas são, portanto, um conjunto de ideias, valores e práticas em relação às formas de conceber a realidade do homem e a sua historicidade. Trata-se de um conceito das ciências sociais que engloba as crenças situadas na interface dos fenômenos individual e coletivo, assim sendo, é de interesse de todas as ciências humanas (Sá, 1995).

Segundo Moscovici (2012), as representações sociais se impõem sobre os sujeitos e convencionaliza objetos, pessoas ou acontecimentos e respondem a quatro funções nas dinâmicas das relações. A função de saber que possibilita a compreensão dos saberes práticos do senso comum. A Função identitária que permite a elaboração de uma identidade social. Função de orientação que define o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social e por fim, a função justificadora que justifica a tomada de posição e dos comportamentos. Deste modo, a função das representações sociais é tornar o desconhecido em algo familiar.

Para assimilar o desconhecido e construir as representações sociais, é necessária a intervenção de dois processos básicos: o processo de ancoragem e de objetivação. Estes processos estão intrinsecamente ligados e são modelados por fatores sociais. O processo de ancoragem refere-se ao processo pelo qual podemos classificar e nomear o desconhecido e pela classificação podemos imaginá-lo e representá-lo. A objetivação refere-se à existência objetiva daquilo que foi subjetivamente elaborado e depois compartilhado, ganhando uma materialidade vista como natural (Moscovici, 2012).

As representações sociais são construídas por duas estruturas, O núcleo central e o sistema periférico. O primeiro corresponde a uma estrutura que dá coerência e sentido à representação e tem a função de gerar e transformar significados. Os elementos periféricos protegem o núcleo central das mudanças e ocorre por meio da incorporação de novos elementos. Estas estruturas formam o campo representacional das representações sociais (Jodelet, 2001).

Moscovici (2012) infere que a teoria das representações sociais é uma teoria a respeito das formas que o senso comum expressa seus pensamentos e deste modo, o autor aponta para uma distinção entre um universo reificado e outro consensual. No universo reificado ou científico, configura-se a ideia de que a realidade pela construída pela ciência e apenas alguns sujeitos são detentores do saber. Por outro lado, o universo consensual é aquele que se constrói em conversações informais, no qual, o ser humano é a medida para todas as coisas e é neste conhecimento que se constitui as representações sociais, uma vez que possibilita que o conhecimento seja acessível a todos.

Fonseca, Azevedo, Araújo, Oliveira e Coutinho (2007) apontam a importância das representações sociais na análise de aspectos psicossocioculturais das práticas sociais que atravessam os fenômenos grupais que influenciam na formação de condutas e normas que regem o pensamento social. O conhecimento do uso abusivo de drogas, com base na teoria das representações sociais, é elaborado e compartilhado de maneira coletiva pelos jovens e a investigação das representações sociais demonstra a diversidade desse conhecimento, bem como os seus conteúdos.

As representações sociais que direcionam ao uso de drogas dependem do contexto social. Assim, é necessário compreender a rede de significados que a envolvem a sociedade em um contexto sociocultural e histórico específico. O uso e abuso de drogas tem acompanhado a evolução humana, adquirindo diferentes significados ao longo dos anos. Na Antiguidade, o uso estava relacionado a integração social, principalmente em ocasiões festivas. No entanto, as formas de utilização foram ampliadas com a industrialização e seu uso foi relacionado com o objetivo de atenuar sofrimentos físicos e psíquicos. Nesse contexto histórico, o consumo de drogas adquiriu novos significados, como a busca por prazer individual e alívio de desconfortos físicos e psíquicos. Atualmente, o uso vem ganhando espaço entre os jovens, o que representa alvo de estudos em vários países (Mota, 2008; Canavez; Alves; Canavez, 2010)

O uso de drogas é uma questão que deve ser investigada a partir das características individuais articuladas com a família, meios de comunicação de massa e grupo de pares. Estes sistemas exercem um papel significativo para adesão as drogas, no âmbito familiar destacam-se a permissividade dos pais em relação ao consumo, pais que ressaltam críticas destrutivas, pais negligentes e demais conflitos familiares (Brook et al., 1990). No âmbito escolar, a literatura aponta que os fatores negativos estão relacionados ao baixo desempenho escolar, exclusão social, ausência de vínculos e dificuldade de aprendizagem (Kandel et al., 1978). Em relação aos aspectos culturais, destacam-se exposição a violência, ausência de oportunidade para atividades de lazer e trabalho. Os aspectos individuais apontaram que baixa autoestima, insatisfação com a vida, curiosidade e busca por prazer, rebeldia, ausência de limites, imaturidade e necessidade de participar

de determinado grupo de amigos, tornam o adolescente vulnerável ao consumo de drogas (Silva, 2010).

Conclusões

Este estudo teve por finalidade investigar os fatores de risco associados ao consumo de drogas, assim como os fatores de proteção associados ao não uso de drogas entre adolescentes. Estudos apontaram que as primeiras experiências com drogas ocorrem na adolescência, o que amplia o fenômeno para a área da saúde pública. Assim, ressalta-se a importância de compreender os aspectos favorecedores ao consumo de substâncias e aspectos que minimizam seu impacto.

A adolescência é uma fase caracterizada pela transição no desenvolvimento humano, entre a infância e a maturidade física, psíquica e social, que configura o sujeito como jovem adulto. De acordo com a literatura consultada, o uso abusivo de drogas no período da adolescência não é motivado somente por um fator isolado, mas sim, por uma combinação de fatores que interligados influenciam o indivíduo para consumi-la. Destacam-se, portanto, os sistemas da família, escola, amigos e a comunidade, os quais o adolescente está inserido e interage frequentemente.

Cabe ainda considerar que a drogadição é um fenômeno que possui dimensões expressivas e aspecto multifacetado, é uma dificuldade que não pode ser reduzida ao nível individual, e nem ao nível social. A investigação da pesquisa apresentada foi realizada na perspectiva sistêmica, como um fenômeno que revela seu significado no contexto relacional familiar e que repercute nos sistemas ampliados.

Os significados relacionados ao uso e/ou abuso de drogas extrapola o individual e pode ser resgatado no contexto multidisciplinar, isto é, para o sujeito ter um desenvolvimento saudável, é imprescindível que ele tenha uma rede de suporte social. A partir das considerações feitas, ressalta-se que os resultados sugerem questões relevantes que podem ser avaliadas em novas pesquisas na área em diversos contextos de investigação, principalmente em relação as práticas educativas com o objetivo de prevenir o uso.

Referências

- Almeida, N.D. (2011). Uso de álcool, tabaco e drogas por jovens e adultos da cidade de Recife.
- Antonil, C. D. & Koller, S.H. (2010) Uma família fisicamente violenta: uma visão pela teoria bioecológica do desenvolvimento humano. *Temas psicol.* vol.18 no.1 Ribeirão Preto.

- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Baumgarten, L. Z. Gomes, V. L. O. & Fonseca, A. D (2012). Consumo alcoólico entre universitários (as) da área da saúde da universidade federal do rio grande/RS: *subsídios para enfermagem*. *Esc Ana Nery* (impr.), v. 16, n. 3, p. 530-535.
- Baumgarten, Silvana (2006). *Os significados da drogadição na adolescência*. Passo Fundo: Ed. UFP.
- Benedicto e Faria (2014). Relação de Resiliência e o Profissional Docente do Ensino Superior. *Caderno Intersaberes* | vol. 3, n.4, p.98-115.
- Bittencourt, A. L. P; França, L. G & Goldim, J. R. (2015) Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. *Rev. bioét.* (Impr.); 23 (2): 316-24
- Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. de L. (2001). *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13.ed. São Paulo: Saraiva.
- Brook JS, Brook DW, Gordon AS, Whiteman M & Cohen P (1990) . The psychosocial etiology of adolescent druguse: a family interactional approach. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs* 116(2):111-267
- Bronfenbrenner, U. *Environments in developmental perspective: theoretical and operational models* (1999). FRIEDMAN, S.L.; WACKS, T. D. (Orgs.) *Conceptualization and Assesment of Environment across the life span*, Washington D. C: American Psychological Association. p. 3-30.
- Bronfenbrenner, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados* (1996). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U.; *A future perspective*. In.: BRONFENBRENNER, U. (Ed.). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. California: Sage Publications, p. 50- 59.
- Bronfenbrenner, U.; Evans, G. (2000). *Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings*. *Social Development*, n. 9, p. 115-125, 2000.
- Bronfenbrenner, U.; Morris, P. A. (1998). *The ecology of developmental processes*. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Orgs.). *Handbook of child psychology*, Vol. 1: *Theoretical models of human development*. New York: John Wiley. p. 993-1028.
- Bronfrenbrenner, U. *Toward an experimental ecology of human development*. (1977). *American Psychologist*, Washington, DC: American Psychological Association, n.32, p. 513-531.
- Canavez, Márcia Figueira; Alves, Alisson Rubson; Canavez, Luciano Simões (2010). *Fatores predisponentes para o uso precoce de drogas por adolescentes*. *Cadernos UniFOA*. Volta Redonda, Ano V, n. 14, Dez. 2010. Disponível em: <http://web.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/14/57.pdf>
- Dayrell, J., Moreira, M. I. C & Stengel, M. (2011). *Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Belo Horizonte: Ed.PUC Minas.

- Dietz, dos Santos, Hildebrandt, L. (2011). *As relações interpessoais e o consumo de drogas por Adolescentes*. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.) 7(2):85-91.
- Diniz, E., & Koller, S. H. (2010). *O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico*. 76 Educar, Curitiba, n. 36, p. 65-76. Editora UFPR.
- Diniz, E., & Koller, S. H. (2011). *Ser adolescente e ser mãe: Investigação da gravidez adolescente em adolescentes brasileiras e portuguesas*. *Análise Psicológica*, 29(4), 521-533.
- Dos Santos, R. M., Elsen, I., & Lacharité, C. (2003). *Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área*. Paidéia.
- Ferreira, V. M., & Souza Filho, E. A. (2007). Maconha e contexto familiar: um estudo psicossocial entre universitários do Rio de Janeiro. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 52-60.
- Godoy, Kleber Aparecido Brigido; et al. (2010). *Avaliação da resiliência em escolares do ensino médio*. *Psicologia da Saúde*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 79-90.
- Gomes, R. (2007). *Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa*. In R. Gomes. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (pp. 81-106). Petrópolis: Vozes.
- Habigzang, L. F., Diniz, E., & Koller, S. H. (2014). *Trabalhando com adolescentes: Teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Jessor R. (1991). Risk behavior in adolescence: a psychosocial framework for understanding and action. *Journal of Adolescent Health* 12:597-605
- Jessor, R., VanDenBoss, J., Vandryyn, J., Costa, F. & Turbin, M. (1995). Protective factors in adolescent problems behavior: Moderator effects and developmental change. *Developmental Psychology*, 31, p. 923-933.
- Jodelet, D. (2001). *Representação social: um domínio em expansão*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Kandel DB (1990). Parenting styles, drug use, and children's adjustment in families of young adults. *Journal of Marriage and the Family* 52:183-196.
- Kandel DB, Kessler RC & Margulies RZ (1978). Antecedents of adolescent initiation into stages of drug use: a developmental analysis. *Journal of Youth and Adolescence* 7(1):13-40.
- Kodjo CM & Klein JD (2002) Prevention and risk of adolescent substance abuse. The role of adolescents, families and communities. *The Pediatric Clinics of North America* 49:257-268
- Koller, S.H., Morais, N.A., & Cerqueira-Santos, E. (2009). *Adolescentes e jovens brasileiros: levantando fatores de risco e proteção*. In R. M. C. Libório, & S. H. Koller (Orgs.), *Adolescência e juventude: Risco e proteção na realidade brasileira* (pp.17-56). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Marques, A. C. P. R.; Cruz. M.S. (2000) O adolescente e o uso de drogas. *Rev. Bras. Psiquiatr.* vol.22 s.2 São Paulo Dec.
- Micheli, D., & Formigoni, N.L. (2002). *Drogas mais consumidas por adolescentes, pela*

- ordem: álcool, tabaco, maconha, inalantes, cocaína. Usuários são os que mais brigam e roubam* – Prometeu – Notícias de universidades e centros de pesquisa. Disponível em: <http://www.prometeu.com.br/noticia.asp?cod=517>
- Moscovici, S. (2012). O Fenômeno das Representações Sociais. In S. Moscovici. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social* (9ª ed, pp. 29-109). Rio de Janeiro: Vozes.
- Mota, Leonardo de Araújo. Pecado, crime ou doença? representações sociais da dependência química. 2008. 246f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2008.
- Pratta, E.M.M., & Santos, M.A. (2009). O processo saúde-doença e a dependência química: Interfaces e evolução. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25 (2), 203-21.
- Pereira, Antônio Carlos Amador (2005). O Adolescente em desenvolvimento. São Paulo: HARBRA.
- Pesce, R., Assis, S., Santos, N & Olivera, R., (2004). Risco e Proteção: Em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 20, 135-143.
- Rocha, M. L. da. Contexto do adolescente. In: Koller, Silvia Helena (2002). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Brasil: Conselho Federal de Psicologia, p. 25-32.
- Sá, C. P. (1995). *Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria*. In M. J. Spink (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Silva, Izabella Alvarenga (2010). Consumo de bebidas alcoólicas por estudantes do ensino médio e características do grupo de pares / Izabella Alvarenga Silva. – Marília.
- Schenker, M. & Minayo, M. C.S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*. 10 (3): 707 – 717.
- Senna, S.R.C.M. & Dessen, M.A., (2012). Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jan-Mar, Vol. 28 n. 1, pp. 101-108
- Silva, M.R.S., Elsen I., & Lacharité, C. (2003). Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. *Paideia*, 13(26), 147-156.
- Yunes, M. A., Miranda, A. T., & Cuello, S. S. (2004). *Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados*. In S. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenções no Brasil* (pp. 197-218). São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.